

# **Caminhos da aldeia Itapicuru terra indígena Xakriabá: análise de um evento de letramento em contexto religioso**

Ildete Freitas Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES  
Ildete.unimontes@gmail.com

## **Resumo**

Para este artigo trouxemos uma das categorias de análise da pesquisa de mestrado intitulada “*Um lugar para ler e escrever: estudo sobre letramento na Aldeia Indígena Itapicuru entre os Xakriabá.*”<sup>2</sup> Dentre os letramentos levantados nesse contexto comunitário, analisamos aqui os resultados obtidos a partir dos elementos que o contexto religioso ofereceu. Contudo, de uma maneira geral esse trabalho objetivou compreender as práticas letradas e sua significação na citada aldeia. Esta análise baseou-se na ideia de que o letramento (Street, 2003) é um processo socialmente localizado em comunidades específicas. A singularidade da aldeia se reforça pelo lugar de “coração da terra” indígena que ocupa em função do lugar que tomou na luta recente pela retomada e homologação do território indígena Xakriabá. Hoje é habitada por 340 pessoas distribuídas em 78 famílias. Que vivem em um espaço onde ocorrem grandes transformações

Professora Mestre, vinculada ao Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

<sup>2</sup> Dissertação defendida junto ao Programa de Mestrado Processos Sócio-educativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João Del-Rei/UFSJ.

nas formas de compartilhar e negociar significados em função da recente introdução da linguagem escrita. A metodologia de investigação se baseou numa abordagem qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994) de inspiração etnográfica (Cardoso de Oliveira, 1998). O que nos permitiu descrever e analisar eventos e práticas de letramento no contexto da cultura e das relações sociais entre os sujeitos.

**Palavras-chave:** Espaços geradores, Cultura escrita, Comunidade indígena

## Introdução

O trabalho que culminou na dissertação de mestrado “*Um lugar para ler e escrever: estudo sobre letramento na aldeia indígena Itapicuru entre os Xakriabá*”, teve como objetivo identificar, descrever e analisar os usos da linguagem escrita pelos sujeitos dessa aldeia, importante cenário constituinte da TIX<sup>3</sup>, panorama cultural onde predominam trocas simbólicas ocorridas por meio da linguagem oral.

Sabe-se que o processo de letramento nestes contextos é complexo e pouco conhecido. Desse modo, objetivou-se o estudo de uma estrutura singular no interior de um grupo social de complexa organização, buscando-se pelos efeitos heterogêneos do letramento, frutos da interação entre os sujeitos e suas atividades, sob a ótica do letramento ideológico (Street, 1984). Esse quadro social coloca-nos diante da necessidade de uma investigação sobre os processos de letramento junto a povos que possuem sua identidade cultural específica. Assim, acreditamos que será possível compreender melhor o impacto e as influências decorrentes das modificações ocorridas no cenário cultural mais amplo em relação às práticas locais, e consequentemente as práticas escolares de transmissão do conhecimento escrito. Haja vista, o lugar de interação que tais práticas ocupam no interior dos grupos sociais.

Os Xakriabá povo indígena privilegiado para estes estudos se encontram no cenário macro das investigações e constituem o povo

<sup>3</sup> Terra Indígena Xakriabá.

indígena de maior contingente populacional de Minas Gerais; e um dos maiores do Brasil. Nesse tocante, Pereira (2003, p.25), se refere a eles da seguinte maneira: “... os Xakriabá devem ser considerados, (...) como um povo que se representa por meio de diferentes categorias.” Pois a sua grande população apresenta enorme diversidade cultural, constituindo-se assim em “povos”, o que pode ser observado nas muitas aldeias que compõem o território tradicional Xakriabá, e é o que as pesquisas realizadas até então demonstram.

A metodologia de trabalho visou aproximar-se do olhar dos sujeitos da pesquisa e evidenciar, partindo de uma concepção êmica, as compreensões das situações sociais de uso de leitura e escrita nos domínios da aldeia Itapicuru e vivenciadas pelos atores sociais participantes da pesquisa. Desta maneira, o referencial metodológico de investigação se pauta numa abordagem qualitativa de inspiração etnográfica. Utilizando como procedimentos para coleta dos dados os métodos etnográficos de observação direta participante e entrevistas semi-estruturadas. A partir dos referenciais teórico e metodológico, trouxemos para essa discussão um evento de letramento. Dentre os espaços geradores onde os eventos e práticas de letramento foram levantados o evento de letramento do contexto religioso dos Xakriabá da Aldeia Itapicuru se despontou como rico espaço para os usos sociais da leitura e escrita, apresentando peculiaridades em torno do fenômeno para essa análise.

## **O conceito de Letramento e o seu campo teórico: a opção pelos Novos Estudos do Letramento**

Partimos de uma concepção que trata o letramento como uma prática social, questionando quanto ao conjunto de habilidades e ou competências que os indivíduos apresentam e a forma como se situam em diferentes contextos utilizando as noções de eventos e práticas de letramento. Para isso, retomamos a discussão acerca do surgimento e constituição do conceito de letramento em seu amplo contexto. Nesse sentido tomamos os estudos de Soares (2002), que

no Brasil, se estabeleceram como pioneiros. Assim, um primeiro aspecto discutido nesse conjunto de estudos, dá conta da condição de *fluidéz* do termo, em diferentes âmbitos da sociedade, conforme podemos observar na seguinte citação:

Terão sido a palavra e o conceito que ela designa uma criação acadêmica? Na linguagem corrente, na linguagem da mídia, tem-se falado muito de analfabetismo funcional, de alfabetização funcional, expressões cujo sentido se aproxima do sentido de letramento, mas não se identifica com ele. Mesmo na área acadêmica, o conceito é ainda fluido: letramento tem sido palavra que designa ora as práticas sociais de leitura e escrita, ora os eventos relacionados com o uso da escrita, ora os efeitos da escrita sobre uma sociedade ou sobre grupos sociais, ora o estado ou condição em que vivem indivíduos ou grupos sociais capazes de exercer as práticas de leitura e de escrita... (p.16)

A preocupação da autora com a aplicabilidade do termo, impulsionado por expressões de sentido próximo ao letramento e recorrentes na mídia, revela a maneira como este campo do conhecimento ganhou contornos específicos no Brasil. Alguns anos após a publicação da professora Magda Soares sobre o uso do termo na linguagem corrente, Marildes Marinho (2010) reforça a importância em se argumentar acerca do fenômeno do letramento, para ela; se criou uma ilusão de que há uma suposta “transparência, consistência, operacionalidade teórica e pedagógica” (p.68), ao se utilizar o conceito como idealizado. A autora desenvolve o sentido de sua proposição ao acrescentar; “Usamos o termo acreditando que todos sabem do que estamos falando, sem necessidade de explicitar o que estamos falando. Certamente essa opacidade ou indeterminação do sentido não é um fenômeno específico destes termos.” (p.69)

No mesmo texto, Marinho (2010) questiona o leitor sobre a sua crença a respeito do termo letramento, num constructo teórico que

nos direciona para o momento atual da educação escolarizada. Que como ela mesma menciona “os chamados movimentos sociais” acessam estes espaços, trazendo suas “identidades socioculturais” despertando-nos para outras formas de apropriação do saber dominante sistematizado pela escola (p.69) e conseqüentemente nos instigando a repensar o sentido dos conceitos, como o de letramento. A esse respeito, a autora considera que;

(...) as concepções de letramento, de alfabetização e de cultura escrita são específicas e diferentes em relação aos países de onde importamos a palavra. Essas concepções estão estreitamente relacionadas com os processos sociais de produção e de distribuição do conhecimento, com os processos de inclusão de grupos sociais e étnicos na escola de ensino fundamental, nas universidades e em espaços socioculturais dos quais têm sido excluídos. (p.70 e 71)

Essas reflexões falam intimamente, no sentido em que o objeto de pesquisa tenta dialogar sobre o letramento, no interior de um grupo étnico que também compõe os movimentos sociais em busca de participação nas esferas públicas da sociedade. Como citado por Marinho (2010), que acessando a instituição escolar, e trazendo os elementos de sua cultura, produzem um tipo de letramento específico, próprio, oriundo de suas necessidades cotidianas, fruto de suas relações sociais próximas e distantes, e em grande medida propulsionadas pelo entorno que exigem destes sujeitos respostas letradas, sob o prisma do letramento dominante. Situação que descortina os conflitos desencadeados pelo encontro do letramento dominante (Rojo, 2004) e dos letramentos considerados como marginalizados. Compreendendo a indefinição do termo letramento, por percebê-lo em suas especificidades, acredita-se que essa, como outras pesquisas na área poderá contribuir para a percepção de múltiplos letramentos e não apenas de um conceito pronto e aplicável a todas as realidades indistintamente.

Acreditamos que o conceito de letramento reflete uma unidade de análise mais apropriada para se conceber os usos e valores compartilhados pelos sujeitos investigados. Concepção essa que tem em Street (2003) e Gee (2001,) dois dos seus principais e importantes representantes na vertente teórica dos NLS (sigla inglesa de “New Literacy Studies”). Há uma diversidade de usos do termo que se referem às questões relacionadas à escrita e à oralidade nas práticas sociais. Contudo, entendemos que o letramento expressa a participação dos sujeitos nas práticas sociais discursivas que têm como suporte a linguagem escrita, ou seja, é estar exposto aos usos sociais da escrita, ainda que não se saiba ler (decodificar) e escrever (codificar) Tfouni (2006). Esta concepção direcionou nosso olhar para a construção dos pressupostos teóricos, bem como para o trabalho de campo no diálogo para a construção do aporte metodológico e das ferramentas de coleta de dados.

Por isso, compreender os significados que ultrapassam o domínio da tecnologia da leitura e da escrita, captando as nuances de novas formas de uso social destas, inclusive por parte daquelas pessoas consideradas analfabetas, ou que pertencem a grupos de tradição oral, mas que se relacionam em espaços onde o uso da linguagem escrita se impõe, torna-se possível a partir do campo conceitual do letramento. O que se tem a partir da nova abordagem acerca da apropriação e uso do sistema de escrita, é que, seu domínio não produz um indivíduo letrado. E que para a constituição dele, é necessário que haja participação em eventos e práticas de letramento, que podem tanto ocorrer no âmbito escolar, quanto nos múltiplos espaços do cotidiano das pessoas em diferentes segmentos.

E que, cada vez mais, a escrita subsidia as relações sociais nos diversos espaços da sociedade contemporânea, e pessoas analfabetas participam dessas relações, mostrando que são letradas, embora não sejam escolarizadas (Street, 2003). A respeito das relações entre indivíduos que não detêm o código escrito, e o meio social, Marinho (2010) contribui com nossas reflexões, nos alertando sobre “o lugar que atribuímos à escrita e à oralidade” (p.70), quando lidamos com pessoas jovens ou adultas pouco familiarizadas com a escrita

que a sociedade determina como ideal e que é apresentada como um sistema mais complexo.

A participação de indivíduos, com pouca ou nenhuma escolarização, mas inseridos em práticas letradas, se dá através das organizações características e únicas do fazer dos sujeitos que delimitam suas práticas de leitura e escrita. O que os tornam dependentes de suas histórias de vida, das atividades que desenvolvem em seu cotidiano, que, por sua vez são delimitadas aos grupos sociais a que pertencem e àquilo que desenvolvem no âmbito do trabalho e das relações interpessoais, e de modo mais amplo ao contexto sócio histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Numa importante contribuição a respeito do envolvimento social em práticas letradas, como desenvolvido acima, Rockwell (2010; p.101), pontua que;

Compreender o tipo de práticas e relações com a escrita que acontecem nessas situações representa um desafio para a pesquisa que deve considerar não apenas as situações linguísticas nas comunidades envolvidas, mas também suas histórias particulares de relação com a escrita, em qualquer sistema ou variante linguística.

O componente histórico, apresentado por Rockwell (2010), nos permite perceber também em sua visão o cultural, o social e o politicamente situado desenvolvido por Street (1984; 2003). Que terá muito mais a nos dizer sobre a comunidade investigada em termos de letramento do que apenas as situações linguísticas observadas. Na mesma contribuição, a autora expõe sobre as relações históricas com línguas dominantes e locais e alguns textos que influenciaram práticas escolares entre dois povos indígenas do México investigados por ela. Numa aproximação deste estudo com o que aqui nos propusemos a desenvolver, podemos dizer que entre os Xakriabá as relações históricas entre eles e seus colonizadores, desde as primeiras missões religiosas e dos aldeamentos para fins de catequização e uso escravo de mão de obra indígena, resultou no total apagamento da língua ancestral dos Xakriabá. Restando hoje apenas num pe-

queno vocabulário, levantado e registrado recentemente através de pesquisas realizadas por alguns índios Xakriabá em formação em licenciaturas na Universidade Federal de Minas Gerais.

Quanto à introdução da escrita entre esse povo, Santos (1997), nos informa que mais recentemente, esse movimento aconteceu com o contato interétnico entre retirantes do sertão baiano, que fugindo da forte seca que assolava a região, buscaram refúgio em terras fronteiriças e o encontraram entre os Xakriabá, e trouxeram o uso da escrita. Introduzindo-a então, na nova cultura que passavam a fazer parte.

Em continuidade ao desenvolvimento do conceito de letramento, encontramos também em Barton & Hamilton (1998), a definição de letramento como uma prática social (p.07). Esses pesquisadores estabelecem então, seis pontos que caracterizam de forma mais detalhada este enfoque do fenômeno. Para eles, o letramento, pode ser mais bem compreendido a partir da percepção de que se apresenta a partir de um conjunto de práticas sociais, e que tais práticas podem ser inferidas a partir dos seus eventos e utilizando os conceitos mediadores, da teoria histórico-cultural, apresentados através dos textos escritos.

Acreditam ainda que para diferentes espaços da vida, existam diferentes letramentos. E que a padronização das práticas de letramento, acontece por meio das instituições sociais e pelas relações de poder nas quais estão envolvidas e desta forma, alguns letramentos se tornam mais dominantes com visibilidade e influência do que outros. E que práticas culturais e objetivos sociais têm intencionalmente incorporados em si, práticas de letramento. E situando historicamente, o letramento (condição comum aos estudos desenvolvidos por Rockwell (2010)), pontuam a sua não neutralidade, ou seja, o letramento acontece consoante a interesses e necessidades das pessoas e isso ocorre em um determinado contexto, características que dialogam nesta dinâmica: neutralidade e contexto. Assim, as práticas de letramento são frequentemente alteradas e sua aquisição se dá através de processos de aprendizagem tanto formal quanto informal.



Já Marcuschi (2001), embasado nos estudos elaborados por Street (1995), lembra-nos que é necessário que nos atentemos para a tendência atual de se escolarizar o letramento, e impô-lo como o único existente, e, portanto, o melhor. Para o autor, o letramento não se define como sinônimo de aquisição individual da escrita. Ele estabelece dessa forma, a existência dos letramentos sociais, (ponto convergente com os estudos de Barton & Hamilton, 1998) que, acontecem fora da escola, o que não os caracteriza como inferiores, e por isso não merecem ser depreciados. Outro ponto forte que Marcuschi (2001) traz para estas reflexões, está na observância de que as sociedades atuais consideradas grafocêntricas, impulsionam todos os sujeitos que a compõem inclusive os denominados analfabetos, a participarem de situações letradas, ou práticas de letramento. O que significa dizer que ninguém está isento desta condição. Neste recorte textual podemos observar suas considerações a respeito das relações sociais entre diferentes usuários da linguagem escrita:

(...) Até mesmo analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de práticas de letramento, isto é, um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional (...).” (p.19)

Na continuidade dessas discussões, revisitamos e apresentamos a seguir uma síntese dos principais conceitos desta perspectiva analítica. O mesmo Street (2010, p. 33) e importante expoente deste campo, em um trabalho recente retoma o histórico e as perspectivas do campo de pesquisas dos NLS e ressalta o propósito do seu movimento, e sua atualização pontuando que pretende “(...) oferecer um modelo, um conjunto de conceitos que, espero, sejam úteis na medida em que tematizam importantes aspectos teóricos e metodológicos sobre o letramento no contexto da educação.” Junto a Street (1984, 1993, 1995), pesquisadores de língua inglesa da linguística e da antropologia, bem como da semiótica e da história compõem esta escola do pensamento, nomes como Heath (1983),

Gee (1996), Barton (1994), Barton e Hamilton (1998), e constituem a perspectiva chamada de abordagem sociocultural.

Para esses pesquisadores, os letramentos (sempre no plural), são locais. O que os faz refutar o conceito de letramento homogêneo. Nessa medida, os contextos locais devem ser estudados de forma atenta à relação entre o âmbito particular e o geral, evidenciando os eventos e práticas de letramento que se desenvolvem nesses espaços pela ação dos atores sociais. Para que se possa captar e compreender os aspectos que constituem as práticas e os eventos de letramento, bem como o contexto local em que acontecem estas práticas sociais de uso da leitura e escrita, a metodologia de pesquisa utilizada é a etnográfica. Sobre o uso da metodologia etnográfica com vistas a evidenciar o uso linguagem escrita, Street (2010, p. 36) observa que “(...) em Etnografia paramos de julgar a priori e buscamos uma atitude mais investigativa (...)”. Citação que parece refletir a sensibilidade necessária que a etnografia representa para se captar as produções humanas e suas motivações sobre aquilo que denominamos escrita.

Para os NLS, é essencial entender o contexto das práticas letradas, ou seja, como se dá a participação das pessoas nos eventos de leitura e escrita. De que maneira elas participam, que recursos utilizam, quais práticas são mais conhecidas e empregadas e, principalmente, que sentidos específicos encontram na escrita e na leitura. Não deixando, é claro, de examinar também o conteúdo ideológico do letramento e as implicações decorrentes das suas especificidades.

Portanto, todas as questões anteriormente colocadas, colaboram com o entendimento de que a maneira como lemos e escrevemos é dependente do contexto em que a realizamos. As nossas intenções, as condições que vivenciamos, a maneira como fazemos. E que esse movimento gera consequências para o meio social, ou o local, assim como também influencia os usos que os sujeitos fazem da escrita. Pois necessitamos tomar decisões todo o tempo em que participamos dos processos de leitura e escrita, o que caracteriza a ligação destes processos ao contexto em que são gerados.

Street (2003), em resposta às críticas que foram dirigidas a esta perspectiva de análise, apontando a existência de uma valorização excessiva e extremada das dimensões locais, por meio da investigação de comunidades e grupos sociais particulares, como a pesquisa entre “os Vai” na Libéria (Scribner e Cole, 1981 *apud* Street (2003)). A pesquisa desenvolvida entre os mercadores no Iran (Street, 2003) e seus usos sociais acerca dos usos específicos da linguagem escrita por aquelas comunidades, destaca a ampliação do olhar dos NLS apresentando a ideia do elo entre o letramento local e o letramento global. Ao introduzir tais conceitos à teoria do letramento dos NLS, Street renova e atualiza esses estudos.

Se a princípio a ideia postulada pelos NLS despertava para a importante oposição entre o letramento homogêneo e os letramentos locais, indicando a existência destes últimos, neste momento Street (2003) reconhece a importância das críticas, no sentido de perceber que o momento expressa a necessidade deste redimensionamento, ou seja, de uma relação com o mais distante, a sua relativização. Ao abordarmos tal discussão, desejamos aqui enfatizar a preocupação desta escola do pensamento com a atualidade dos postulados do seu campo teórico. Desta maneira, a maior contribuição dos NLS, se evidencia pelo estudo que apresenta e articula o contexto local, a aquisição da escrita, suas práticas formais e informais e das políticas educacionais como um todo. E a compreensão dos limites do local, em que se podem realizar através dos estudos etnográficos que permitem o diálogo entre conceitos da teoria social em relação ao texto, mundos figurados, identidade e poder (Street, 2003).

## **O trabalho de campo: o estabelecimento das condições para a produção e análise dos dados**

Optamos pela produção de narrativas no referencial metodológico, já que a narrativa, é um gênero textual que permite delinear aos olhos dos leitores o universo pesquisado. O que acontece em diferentes situações comunitárias e de uso da escrita e diante de di-

ferentes atores sociais. Conjugando as reflexões elaboradas durante a permanência em campo, fruto da observação participante e das notas de campo, dos diálogos produzidos com os interlocutores e das transcrições de entrevistas, que trazem para o texto a dimensão êmica das situações ocorridas nesse período. Tomou-se aqui, como apoio, os estudos de Meurer (2008, p. 161) que assim se refere ao gênero textual: “Em sua função mediadora, o gênero nos permite recuperar conexões entre a ação individual (incluindo as prescrições de papéis identitários) e as estruturas sociais, mais abstratas, em forma de regras e recursos.”

Diversas estradas foram percorridas, diferentes aldeias foram visitadas, conversas com os índios marcaram o início do processo de construção das primeiras impressões acerca do universo cultural que sustentaria todo o desenvolvimento da pesquisa. E tomando contato com as representações sociais, culturais, religiosas e políticas daqueles grupos, gradativamente, procedemos às delimitações próprias do processo investigativo.

Essa singular fase dos trabalhos investigativos serviu de inspiração para se pensar sobre os modos próprios da cultura indígena no macro cenário do sertão norte mineiro. A sua comunhão com outras culturas existentes, e a produção de maneiras próprias de lidar com o ambiente, com os seus pares e seus saberes expressos de forma tão singular. A esse respeito, encontramos em Macêdo (2007, p. 33), que assim define esse encontro, “Geraizeiros, caatingueiros, vazanteiros, quilombolas e indígenas, constituíram um *modus vivendi* peculiar, de traço rural e cultura forte e expressiva.”

Nessas andanças “o olhar” se constituía e o cenário da pesquisa se despontava: a vegetação ora densa, ora degradada, as plantações, (agradecidas pelas chuvas que caíam na região) deixavam perceber os primeiros brotos, o intenso fluxo de veículos (principalmente de motocicletas) pelas estradas em muitos trechos em condições precárias, as pessoas com quem encontramos pelas estradas, que passavam a pé, nos olhavam, com olhos curiosos e atentos de quem busca ler as intenções daqueles “forasteiros.”

Essas etapas de entrada na área indígena Xakriabá permitiu-nos a produção de diálogos, a apreciação do cotidiano das pessoas, em suas várias formas de movimentação, nos seus modos de fazer, falar e de se relacionar com o entorno. Os elementos que compunham os espaços físicos e sociais permitiram perceber este quadro que se constitui no universo cultural Xakriabá, em uma porção específica do cenário em que se desenvolveram todos os aspectos de interesse desta pesquisa.

Assim, utilizando das técnicas qualitativas de coleta de dados, entrevista e observação participante, toda a aldeia foi percorrida e o envolvimento com seus moradores foi sendo construído, nas mais diferentes situações do cotidiano daquelas pessoas, nas casas dos moradores, no posto de saúde, nas igrejas, nas escolas, no espaço de discussões do projeto da piscicultura.

## **Letramento em contextos religiosos**

Na aldeia Itapicuru existem duas congregações evangélicas: “*Pentecostal Deus é Amor*” e “*Pentecostal de Jesus Cristo*”. E a “*Assembleia de Deus*” que tem suas atividades num salão que fica localizado numa zona rural do município de Manga, denominada Alto Tamarindo, para aonde os moradores da aldeia e participantes da congregação se dirigem em dias de culto. Cada congregação foi visitada três vezes, além do tempo de convívio com membros dessas igrejas nos domínios da comunidade. Para captar as nuances do contexto, o nosso olhar se ancorou sobre o modelo ideológico (Street, 1995), que presta mais atenção à estrutura social, para que desta forma possa construir diálogos entre esta e as formas de uso da linguagem escrita. Assim como os índios Xakriabá foram aldeados pela missão da igreja católica de São João dos Índios do Riacho de Itacaramby, (Santos, 1997) nos seus domínios sobre o território brasileiro, novas missões chegam à suas terras num período mais recente. Como reflexo dos movimentos em escala mundial, desenvolvidos por grupos religiosos protestantes especificamente da Inglaterra e Estados Unidos, conforme informações dos estudos de Almeida, (1995).

Os rituais e a organização dos grupos pertencentes às duas igrejas possuem muitas semelhanças. A frequência que acontecem os cultos é entre três e quatro dias por semana no período noturno. Em salões construídos pelos próprios fiéis da comunidade evangélica na aldeia. A presença da igreja católica é inexistente nesta aldeia, tendo seus templos em outras aldeias, dentre as mais próximas da aldeia Itapicuru estão as das aldeias Sumaré, Brejo do Mata Fome e Barreiro Preto. As observações e levantamentos de pesquisa entre os aldeões não indicaram a presença de nenhum outro grupo religioso existente na aldeia Itapicuru. Para o recebimento e organização dos participantes dos cultos, o espaço interno do templo se organiza em dois grupos de bancos de madeira; os homens adultos, os jovens e os meninos sentam de um lado do outro as mulheres adultas, as jovens e as meninas. Essa é uma característica organizacional das duas congregações investigadas. Há também um altar com um púlpito onde o dirigente coordena as atividades religiosas. Os templos ainda possuem caixas de som e microfones para voz e violão. A igreja pentecostal “Deus é amor” que está na Aldeia Itapicuru há dez anos, possui um salão para a reunião dos seus fiéis que totaliza um contingente de 100 pessoas que congregam sob esta denominação.

Durante os diálogos com as pessoas que frequentam essas igrejas, foram identificadas várias pessoas adultas que declararam não saberem ler. No entanto, possuem a sua própria bíblia. Através desse artefato, as pessoas interagem entre si, a partir dos textos bíblicos lidos por um membro da igreja ou pelo pastor. Durante as atividades realizadas no culto, o texto bíblico é tomado várias vezes para que o dirigente leia pequenos trechos dele, que é acompanhado pela assembleia. Os leitores acompanham a leitura do trecho trabalhado pelo dirigente; enquanto os não leitores acompanham auditivamente, emitindo expressões de louvor ao texto, durante e após a leitura realizada. Na concepção do modelo ideológico, descrito por Street (1995), as práticas culturais e o contexto se relacionam de forma íntima com a leitura e a escrita, conformando-as. Assim, a prática do culto religioso para esse grupo, se apresenta de acordo com o contexto, onde de algum modo precisam e utilizam a lingua-

gem escrita e leitura e a fazem para fins específicos. Significando as ações religiosas que lhes impõem o uso de um livro texto. Mesmo que para tal tarefa sejam escolhidas algumas pessoas que decodificam as peças textuais mobilizando uma rede de interações. Isso significa que esses grupos religiosos produzem interações letradas num contexto que compartilham o texto bíblico, membros que sabem escrever e os que não dominam a decifração.

No desenvolvimento dos ritos religiosos, os dois grupos realizam diferentes atividades durante o culto, que incluem várias atividades intermediadas pelo uso do texto escrito e oral. Os momentos de louvor, utilizando música, é uma atividade recorrente nos dois grupos investigados. Todos os segmentos da igreja participam dessa atividade. Cantando em meio à assembleia ou indo à frente do grupo ali reunido para apresentação em grupos: de mulheres, homens e moças. Como suporte textual, tanto os grupos quanto os fieis de um modo geral, utilizam cadernos (pequenos, grandes, de espiral, brochura, capa dura) para copiarem os textos musicais. Ao observar o uso significativo de cadernos de capa dura, foi perguntado a uma das jovens o motivo de usarem (entre o seu grupo) esse tipo de caderno; *“Ele dura mais. A gente tem que escrever outros hino, novo, a gente mexe muito nele. Se a capa for fininha ele estraga logo. E essa capa é mais bonita.”* (Diário de campo, novembro de 2010, entrevista).

Entre o grupo mais jovem, especialmente de adolescentes do sexo feminino, a cópia é feita por elas mesmas, alunas das escolas locais de ensino fundamental ou médio. E a prática, da cópia, é algo recorrente e de fácil produção, compõem as suas atividades escolares diárias. Nesse aspecto, a cultura escolar em desenvolvimento no âmbito da aldeia dialoga diretamente com práticas que se evidenciam nos contextos das igrejas locais. Os jovens desempenham funções significativas para os propósitos de difusão da doutrina através de importantes elementos como a música e o uso da bíblia. Entre o grupo adulto, as cópias são feitas por algumas mulheres do grupo de senhoras que dominam a codificação e a decodificação de signos linguísticos ou feitos por seus parentes; principalmente os filhos em idade escolar. Nesse sentido, os filhos tornam-se escribas para os pais.

Uma das senhoras, com quem conversamos durante as visitas, revelou um detalhe bastante curioso sobre a forma como lida com o texto escrito: “*Eu num sei lê não. Mas eu sei cantá os hino. Eu vô escutano os irmão cantá. Minha menina também sabe. Ela escreve os hino no caderno. Ela vai cantano e eu vou aprendeno.*” (Diário de campo, novembro de 2010). Essa mulher faz parte de um grupo de senhoras que se apresentam para a assembleia, fazendo uso de cadernos portadores de hinos utilizados na igreja, cantando de memória. A utilização de recursos, como o texto escrito, apresentado sob a forma manuscrita dos hinos e do texto impresso da bíblia são manifestações da linguagem escrita entre os grupos ligados aos cultos evangélicos. A prática religiosa nos moldes em que é feita nos grupos observados, indica uma tendência crescente do uso da linguagem escrita na propagação da fé.

Para as análises da pesquisa, evidenciou-se um evento de letramento da igreja *Pentecostal de Jesus Cristo*. A pequena casa onde acontecem os cultos foi doada pelo dirigente para que o grupo se reunisse e pudesse ter espaço certo para as atividades religiosas. Este é um grupo menor, que tem em torno de 40 membros. Na organização da congregação, o aspecto que despertou a atenção foi à direção dos trabalhos da igreja, feita pela esposa do dirigente. Embora o marido responda pela igreja junto à sede que fica no estado do Paraná, e conduza parte dos trabalhos durante o culto, à administração da igreja fica a cargo da sua esposa.

A constatação permite inferir que em mais esse espaço, e em mais uma atividade religiosa localizada, nos domínios da aldeia do Itapicuru, o acesso à escolarização determina as atribuições do sujeito que administra, e que para isso precisa utilizar recursos de leitura e escrita na condução das atividades. *Dilma*<sup>4</sup>, a responsável pela administração da igreja, é também aluna do quinto ano do ensino fundamental da escola dois, situada próxima à sua casa, na aldeia. Juntamente com uma de suas filhas, ela frequenta uma turma multisseriada. Em um diálogo conosco, ela fala por que sentiu necessidade de voltar a estudar: “*Dejinha não sabe lê, e precisa mexê com a igreja,*

<sup>4</sup> A utilização dos nomes próprios nesse texto foi autorizada pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



*tem que tê alguém pra ajudá. E eu também gosto muito de estudá. Já até trabalhei como professora de adultos aqui na Itapicuru”.* (Diário de campo, novembro de 2010, entrevista). No enunciado de *Dilma*, fica evidente que as atividades demandadas pela condução da igreja exigem o domínio de leitura e escrita, o que a escola pode oferecer. Neste sentido, e subsidiando a compreensão desta mútua influência, entre escola e igreja locais, é buscado em Barton e Hamilton (2000) o esclarecimento que as práticas de letramento mudam e novas outras práticas são adquiridas. Consoante às novas necessidades sociais que se instalam ou ainda através dos usos de novos recursos tecnológicos que se tornam acessíveis à população de um modo geral.

As interações em torno do texto escrito: a bíblia (material de maior acessibilidade entre o grupo adulto) acontecem de forma específica nos ambientes religiosos. Um dos dirigentes, fazendo uso da palavra, convida aos presentes para acompanharem a leitura de um texto bíblico. Pede ao público que abra o livro e na sequência convida outro membro da igreja para que leia o texto. Terminada a leitura, o dirigente inicia a interpretação do texto bíblico para o grupo. A colaboradora da pesquisa, *Dilma*, explica o acontecimento da seguinte maneira: “*Esse irmão é de outra comunidade. Ele vem pregá aqui prá nós. Só que ele num lê. Então ele pede prá outra pessoa fazê isso...*” (Diário de campo, novembro de 2010, entrevista).

Essa questão pode ser pensada sobre o prisma de duas elaborações teóricas de dois diferentes autores. A definição de continuum tipológico cunhada por Marcuschi (2001) a partir dos estudos de Street (1993) que indica a simbiose em que linguagem oral e a cultura do escrito se encontram. O dirigente representante do segmento oral conduz as atividades religiosas com o apoio do fiel que dominando leitura e escrita se torna seu intérprete. Já na noção de “mediador de letramento” desenvolvida por Baynham (1993), o interlocutor num processo de comunicação é aquele capaz de suprir as informações relativas ao sistema de escrita. E o faz contrastando dois tipos diferentes de práticas comunicativas: os eventos de letramento mediados e os eventos comunicativos que envolvem intérpretes sejam eles formais ou informais. Desta maneira, o dirigente se apresenta

como o intérprete do texto, ainda que para isso lance mão da leitura feita por outra pessoa.

A representação dos grupos de louvor de homens e mulheres nessas igrejas torna-se significativa para apresentação e análise da pesquisa. Durante o culto, os grupos vão à frente dos participantes e fazem apresentações musicais. Observa-se que apenas o grupo feminino utiliza pasta com textos escritos, os hinos, para aquelas apresentações. Os homens não utilizam tal recurso e cantam acompanhados pelo violão e pela assembleia. Nesse evento uma das mulheres segura a pasta lendo a letra da música e cantando-a enquanto é acompanhada por mais uma outra que também lê. O grupo é formado por cinco mulheres, dentre as quais duas leem. As outras três acompanham cantando o hino que memorizaram após ser cantado várias vezes por elas e pelos irmãos de igreja. O que se tem no quadro apresentado é a interação mediada por um texto escrito entre pessoas em processo de escolarização que decodificam signos linguísticos escritos e por pessoas que se utilizam apenas da oralidade para as comunicações interpessoais.

Na organização do espaço físico da igreja, uma pequena mesinha ganhava destaque pelo conteúdo que exibia: cadernos de capa dura, de diferentes cores, todos em tamanho grande, em que os hinos foram copiados manualmente pela esposa do dirigente responsável pela congregação e por mais uma senhora que compõe o grupo de louvor feminino. Através de observações nas entrevistas, constatou-se que a prática de transcrição ou cópia dos textos (hinos) do livro base (o hinário) se apresenta como uma forma de distribuição ou socialização do texto que a princípio apresenta-se apenas numa fonte, através das cópias torna-se acessível a outras pessoas. Podendo ser utilizados pelas pessoas que assim o desejarem, quem quiser acompanhar o hino cantado, lendo pelo caderno, poderá fazê-lo. Através de mais um enunciado da colaboradora *Dilma*, percebe-se, o objetivo do grupo de senhoras em reproduzir manualmente os hinos: *“Eu e a outra irmã que passamo os hinos praí (mostrando para os cadernos), é que nós só temo um hinário, desse jeito dá pra mais gente usá.” (Diário de campo, novembro de 2010, trecho de entrevista)*

Todavia, não foi constatado nos períodos em que lá estivemos o uso dos cadernos por parte das pessoas que compunham a assembleia. O que parece indicar que o projeto de distribuição dos hinos através de textos escritos é algo ainda em fase inicial. As pessoas cantam durante os momentos de louvor, acompanhando o grupo responsável pela tarefa sem o uso do material escrito de apoio.

Dentro da pequena igreja, busquei com olhos, as peças que poderiam indicar o uso da leitura e escrita por aquele grupo. Percebi sobre uma pequena mesa ao canto, próximo ao púlpito, duas bíblias cristãs e um hinário (livro contendo os hinos, ou cânticos próprios desta congregação a que pertence o grupo observado, que é enviado pela sede da mesma, e que segundo a esposa do dirigente, fica em Curitiba no Paraná). Uma pasta plástica vermelha, contendo documentos da igreja, como formulários para prestação de contas também se encontravam ali. Um cartaz divulgando um evento da igreja em Montes Claros que já havia acontecido era mantido afixado na parede do salão. **(Diário de campo, novembro de 2010, anotações da pesquisadora).**

A convivência com os grupos permitiu perceber que a prática da cópia dos hinos para outros portadores e a sua reprodução para o uso de mais pessoas, é uma iniciativa de pessoas do sexo feminino. Podendo dizer que a propagação do texto escrito dentro daqueles grupos é uma iniciativa feminina.

## Considerações finais

Optou-se em usar no trabalho o termo *caminho* por representar de fato, o movimento empreendido no espaço comunitário da Itapicuru. O percurso feito pelos caminhos da aldeia levava aos eventos de letramento completando assim um ciclo. Os diversos diálogos,

as caminhadas pelo território da Itapicuru, a convivência em seus diferentes grupos, dialogavam diretamente com os eventos letrados e todas as pistas oferecidas por eles apresentavam os usos da linguagem escrita e os significados compartilhados pelos sujeitos em interação.

Na “constituição do olhar” as entidades religiosas presentes na aldeia se mostraram como lugares importantes do caminho, por apresentarem pistas de linguagem escrita que a princípio eram captadas na permanência nos lares das famílias evangélicas. Naquele complexo espaço de relações humanas, os usos coletivos relacionados à várias maneiras das atividades orais aconteciam através da produção de leituras compartilhadas de textos bíblicos. E pelos diálogos estabelecidos a partir da escrita ou que a ela dão origem. Nas práticas compartilhadas o encontro entre oral e escrito ocorre de forma intensa. Tais manifestações orais se dão através de orações, apresentações musicais e leituras orais e as interpretações sobre elas. Além dessas características, os diálogos e observações, das quais houve a nossa participação, há a indicação que os letramentos produzidos nesse quadro sofrem forte influência do modelo do letramento padrão aprendido nas escolas de educação básica da terra indígena.

## Referências

BARTON, D. *Literacy: An Introduction to the Ecology of Written Language*. Oxford, Blackwell. \*Carter, R (2002) ‘The Grammar of Talk : Spoken English, 1994 .

BARTON, D., & Hamilton, M. IVANIC, Roz. *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

BARTON, D., & Hamilton, M. *Local literacies: Reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.

BAYNHAM, M. “Code switching and mode switching: community interpreters and mediators of literacy”. In: B. Street. *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 294-314, 1993.

BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.

GEE, James P. ***Social Linguistics and literacies: ideology in discourse***. Londres: Falmer Press, 2001.

HEATH, Shirley B. ***Ways with words: language, life, and work in communities and classrooms***. New York: Cambridge University Press, 1983.

MACÊDO, Magda Martins. ***Educação? Educações... Por uma educação do campo no sertão de Minas***. p.29-59. In Educação e sociedade – Revista do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais/Universidade Estadual de Montes Claros. Vol. 1, n.1, Montes Claros, 2007.

MARCUSCHI, Antonio. ***Investigando as relações oral/escrito e as teorias do letramento***. São Paulo Mercado de Letras, 2001.

MARINHO, M., CARVALHO, G. Teodoro. (orgs.). ***Cultura escrita e letramento***. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MEURER, J. L. ***Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura***. p. 151-170. In KARKOWSKI, Acir Mário. (org.) Gêneros textuais reflexões e Ensino. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. ***O trabalho do antropólogo***. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

PEREIRA, Verônica Mendes. ***A cultura na escola ou escolarização da cultura? Um olhar sobre as práticas culturais dos índios xacriabá***. Dissertação Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação – UFMG. 2003.

ROCKWELL, Elsie. ***La experiencia etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos***. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.

ROJO, Roxane. ***Letramento e capacidades de leitura para a cidadania***. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SANTOS, Macaé M. Evaristo dos. ***Práticas Instituintes de Gestão das Escolas Xacriabá***. Dissertação de Mestrado FAE/UFMG. 2006.

SANTOS. Ana Flávia M. ***“Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xacriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um***

***estudo sobre a construção social de fronteiras.***” Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília. 1997

SOARES, Magda B. ***Apresentação.*** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 15-19, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

STREET, B. V. ***Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas.*** p. 33-53. In. MARINHO, M., CARVALHO, G. Teodoro. (orgs.). ***Cultura escrita e letramento.*** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. ***What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice.*** *Current Issues in Comparative Education*, Vol. 5 (2) 2003.

\_\_\_\_\_. ***Social literacies: Critical Approaches to literacy in development, ethnography and education.*** London and New York: LONGMAN, 1995.

\_\_\_\_\_. ***Cross cultural approaches to literacy.*** London and New York: Cambridge, 1993.

\_\_\_\_\_. ***Literacy in Theory and Practice.*** Cambridge: CUP. 1984.

TFOUNI, L. V. ***Letramento e alfabetização.*** São Paulo: Cortez, 2006 – Coleção questões da nossa época.